

NIETZSCHE E O SUPER-HOMEM COMO PARADIGMA DA SUPERAÇÃO PESSOAL

Renato Nunes Bittencourt ¹

Resumo: O artigo aborda possíveis associações axiológicas entre o conceito nietzschiano de *übermensch* e o personagem *Superman* das histórias em quadrinho, desenhos animados e cinema, evidenciando que ambos, nas suas devidas situações, se configuram como superações dos parâmetros estabelecidos, seja na moral, seja na força física.

Palavras-Chave: Criatividade; Força; Imanência; Agonística.

Abstract: The article discusses possible axiological associations between the nietzschean concept of *übermensch* and account takes the character Superman comic stories, cartoons and movies, showing that both, in their appropriate situations, are configured as overruns established parameters, whether moral, whether in physical strength.

Keywords: Creativity, strength, immanence, agonistic.

INTRODUÇÃO

Uma questão muito pertinente de ser abordada através de uma perspectiva filosófica consiste na possibilidade de se refletir acerca de alguns aspectos referentes ao conceito de super-homem elaborado por Nietzsche em suas obras de maturidade, e a figura do Super-Homem, o famosíssimo herói dos desenhos animados e das revistas em quadrinho infanto-juvenis, posteriormente imortalizado no cinema através da interpretação do ator norte-americano Christopher Reeve. Desse modo, considero de grande importância intelectual que realizemos uma comparação entre os referidos personagens, tendo-se como objetivo a possibilidade de se detectar tanto possíveis semelhanças como diferenças axiológicas entre ambos, acerca das suas disposições de ânimo e visões de mundo. Em tempos que o establishment jurídico, autoritário e desprovido de imparcialidade, cada vez mais se arroga no direito de se apropriar do conhecimento filosófico para pronunciar publicamente suas bazófias, tornando-se escárnio diante da sociedade esclarecida, realizar tal reflexão é um ato de luta contra a barbárie.

¹Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/ Professor da FACC-UFRJ. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

NIETZSCHE E A ONTOLOGIA DO SUPER-HOMEM

Um dos conceitos mais marcantes que constituem a filosofia trágica de Nietzsche reside na figura do “super-homem”, cujo advento é enunciado por Zaratustra, quando este se dirige a uma insuflada multidão que se aglomera ao seu redor, para ouvir o seu enigmático discurso:

Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo? (...) Que é o macaco para o homem? Uma risada, ou dolorosa vergonha. Exatamente isso deve o homem ser para o super-homem: uma risada, ou dolorosa vergonha (...) Vede, eu vos ensino o super-homem! O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem seja o sentido da terra! (NIETZSCHE, 2011, p. 13-14).

Nessas condições, caberia a cada de um nós indagar quem porventura seria esse super-homem, anunciado constantemente por Zaratustra em meio à impaciente população, ávida por novidades frívolas, tal como a humanidade alienada, que se contenta cada vez mais com banalidades e bagatelas, em detrimento da compreensão das obras valorosas e grandiosas para a formação cultural da sociedade. Conforme citado, esta figura misteriosa, que por sinal ainda não se manifestou no meio dos indivíduos comuns, encarnaria em suas disposições de espírito, segundo Zaratustra, o “sentido da terra”. Esta expressão pode ser compreendida como o conjunto de valores que afirmaria o poder da imanência, a relação imediata entre o ser humano e as forças da natureza, para além da depreciação que o homem domesticado pelos valores morais de cunho transcendente concedeu à sua própria existência. Por conseguinte, a aparição deste referido super-homem no meio da humanidade comum proporcionaria, para uma diversidade de indivíduos, a descoberta de um sentimento de vitalidade que desvencilharia o ser humano das tradicionais promessas finalistas, referentes à existência de um suposto mundo suprassensível, a morada por excelência da plenitude do Ser. Os grandes projetos axiológicos proponentes desses dispositivos negadores da imanência da vida são a filosofia platônica e a moral cristã.

Eu vos imploro, irmãos, permaneço fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não. São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam, então! (NIETZSCHE, 2011, p. 14).

Através da derrocada desses valores decadentes, ascéticos, o “super-homem” afirma as potencialidades do mundo da vida contingente e efêmera, apesar da existência do sofrimento e perecimento na natureza, a qual, no entanto, se renova constantemente, demonstrando o livre fluxo das suas forças vitais. Esta seria, portanto, a interpretação do mundo a partir de uma perspectiva que se encontra para muito além da oposição tradicional dos valores e conceitos de “bem” e “mal”. Zaratustra manifesta, através da figura do “super-homem”, a superação de uma visão de mundo pautada na submissão do ser humano diante de valores heterônimos de seu próprio modo constituinte, valores de cunho transcendente, estranhos em relação ao poder criativo e erógeno do corpo e às disposições de ânimo singulares de uma pessoa, tais como as imposições e regras de conduta pautadas na repressão dos afetos, a adoção incondicional de uma moral de rebanho, na qual todos os seus praticantes necessariamente devem se adequar para que tenham a possibilidade de pertencer à grei dos homens anônimos.

Portanto, é contra tal situação estabelecida e cristalizada ao longo das eras, através de uma prática declinante da vida, pautada na negação do corpo e na depreciação do poder imensurável da natureza, que Zaratustra proclama os atributos imanentes desse “super-homem”, cuja obra, ao se manifestar radicalmente entre o vulgo massificado, motivará a desordem, as convulsões, existindo ainda a possibilidade de que ocorra o caos. Essas situações, no entanto, não devem ser consideradas como negativas ou ruins para a manutenção da existência. Muito pelo contrário, tais eventos se assemelharão a uma sacudidura que despertará o homem do estado de declínio das suas capacidades vitais no qual se encontra, para, através de uma guinada na sua compreensão do real, venha a possibilitar a abolição, na sua vida cotidiana, de qualquer tipo de consideração acerca da existência pautada na culpa, no medo, no ressentimento, afetos que motivam a ruína da estrutura fisiológica do corpo e o anseio pela negação da própria vida:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este não é seu ato criador. Essa inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo

próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação (NIETZSCHE, 2000, p. 28-29)

Para que essa transformação radical ocorra e os valores da vida sejam afirmados, é imprescindível que se efetive um esforço maior por parte desses homens, cujas bases estão imersas na decadência dos seus instintos vitais, pois essa transição do estado de membro de rebanho, gregário, comunitário, partidário dos valores de massa, em nenhum momento demonstra ou promete qualquer tipo de facilidade para aquele que se engaja na libertação desse declinante modo de viver que triunfa justamente por sua glorificada impotência.

Zaratustra reitera que o homem precisa vencer a si mesmo, ou seja, superar os seus próprios limites pessoais, para que obtenha a plena capacidade de se conquistar a si mesmo. Esta é uma tarefa que, certamente, pode ser considerada muito mais árdua de ser empreendida do que a ação de um herói que pretende conquistar o mundo de acordo com as diretrizes de sua volição, mas, no entanto, talvez muito mais gratificante. Caberia ao homem, de acordo com o discurso de Zaratustra, avançar de seu estado atual, limitado pelas determinações morais e fraquezas existenciais, para o de “super-homem”, em uma grande luta por sua autossuperação:

O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo. Um perigoso para-lá, um perigoso acaminho, um perigoso olhar-para-trás, um perigoso estremecer e se deter. Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio (NIETZSCHE, 2011, p. 16).

O super-homem, tal como apresentado por Nietzsche, não é uma pessoa dotada de poderes extraordinários, de uma força descomunal, mas o símbolo daquele que se coloca para além da órbita da moralidade e do peso normativo das suas instituições e que, reconhecendo a ausência de validade ética dessas, não se deixa vencer pelo vazio existencial, pelo niilismo, tampouco por objetos substitutivos desse vácuo deixado pela destruição dos valores soberanos que regularam a existência humana no decorrer das eras. O super-homem afirma a intensidade contingente da vida, a única existente, e estabelece a tábua dos valores sem depender de hipóteses suprassensíveis que orientam a mente da consciência metafísica tradicional:

Aos desprezadores do corpo desejo falar. Eles não devem aprender e ensinar diferentemente, mas apenas dizer adeus a seu próprio corpo – e, assim, emudecer. “Corpo sou eu e alma” - assim fala a criança. E por que não se deveria falar como as crianças? Mas o desperto, o sabedor, diz: corpo sou eu inteiramente, e nada mais; e alma é apenas uma palavra para um algo no corpo. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão que chamas de “espírito”, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua grande razão (NIETZSCHE, 2011, p. 34-35).

A compreensão do poder criativo da vitalidade corporal é fundamental para a práxis imanente da vida para além dos entraves morais, estranhos ao âmbito fisiológico, raiz de toda cultura. Toda ética que se proponha a estabelecer uma axiologia extramoral necessariamente deve englobar o problema do corpo como um dos seus conceitos primordiais.

A FIGURA DO SUPER-HOMEM

Uma das questões mais curiosas que residem no ato de criação da história do Superman consiste na compreensão equivocada e apropriação indevida do pensamento de Nietzsche por parte da ideologia nazista, cuja proposta se caracterizava pela necrófila e megalomaniaca pretensão de se criar uma legião de homens capazes de subjugar o mundo, através da afirmação do poder de uma suposta raça ariana. Em contraponto a esta visão deturpada do conceito nietzschiano, criou-se a referida figura do Superman, um dos mais renomados personagens do mundo das revistas infanto-juvenis e do cinema, sendo caracterizado como um herói constituído por uma diversidade de poderes extraordinários, situação essa que, obviamente, o diferencia da humanidade comum, frágil em suas ações e efêmera em sua existência.

De acordo com a sua história, devido ao declínio de seu planeta natal, Kripton, motivado pela iniquidade perpetrada por um grupo de traidores, seus progenitores, tendo por nobre meta a conservação de um membro da raça do planeta prestes a se extinguir, enviam a jovem criança para um lugar distante do universo, o nosso planeta Terra. É interessante que esta é considerada, pelos seres de Kripton, como uma esfera atrasada, pois a Terra ainda se encontraria em estado inicial de sua evolução, pelo fato de estar marcada pelas constantes guerras, pela destruição

incontrolável do homem pelo homem e pela constante infelicidade de seus habitantes. O envio da criança para a Terra seria uma possibilidade de a humanidade ser agraciada com a presença de uma entidade que, em alguma circunstância especial, poderia demonstrar seu prodígio fabuloso por meio de ações que ultrapassariam os limites de nossa lógica formal e parca inteligência.

Podemos considerar que uma das questões interessantes constituintes da história de vida do Super-Homem, reside no fato de que o herói presentemente evidenciado não guarda para si seus poderes especiais, mas os dispõe, na medida do possível, no inestimável objetivo de auxiliar os homens comuns na superação das dificuldades da vida cotidiana, seja salvando-os de uma morte iminente, dos atos iníquos, perseguindo malfeitores perigosos para a manutenção da estabilidade social etc. Desse modo, o Super-Homem não se caracteriza de modo algum como um deus isolado no cume de uma montanha, indiferente aos problemas e privações pelas quais vive a humanidade em seu cotidiano, pois nutre um sentimento de afeição para com seus amigos em estágio inferior de evolução, se propondo sempre a auxiliar todos aqueles a quem puder de modo desinteressado, apenas em cumprimento ao seu dever de herói fantástico. Nesse quesito o Super-Homem é irmanado com a moral kantiana.

Em relação à própria figura do Super-Homem, é de suma importância que se reflita acerca dos motivos que conduziram à criação do referido personagem, nas primeiras décadas do século XX. Afinal, devemos levar em consideração que estes eram tempos conturbados, motivados pelos efeitos devastadores do Crack da Bolsa de Valores de Nova York, ocorrido em 1929, além do entreato das duas guerras mundiais, período em que se viu surgir passivamente o avanço do nazismo, conforme citado anteriormente. Talvez a criação do *Superman* por Jerry Siegel e Joe Shuster, ambos de origem judaica, foi um modo de se criar uma contraposição à apropriação que o movimento nazista realizou da figura do super-homem de Nietzsche.

Uma das hipóteses mais conhecidas para explicar o fenômeno que possibilitou a formação de uma legião de heróis nas revistas infanto-juvenis, cinema e televisão consiste na ideia de que estes personagens representariam os anseios do homem comum em superar, ao menos de modo imaginário, a sua fraqueza, as suas limitações corporais, a sua própria finitude. Desse modo, o leitor, ao ter acesso às fabulosas narrativas acerca das peripécias do empreendimento de um super-herói em salvar a humanidade dos perigos que a ameaçam, através da engenhosidade de sua

imaginação, sente um acréscimo de sua potência de agir, ao identificar as nobres aspirações do herói com a sua, despertando em seu âmago a vontade de realizar ações valorosas, que permitam a obtenção da glória pública e a satisfação pela vitória conquistada.

De acordo com essa perspectiva, pode-se defender a hipótese de que o fundamento das histórias dos grandes heróis consistiria no ato de estimular o leitor para a efetivação de obras criativas, que garantam o bem-estar de sua comunidade e quiçá da humanidade como um todo, pois os heróis modernos conquistariam o âmbito da universalidade na realização de suas ações. Deve-se ressaltar que essa perspectiva insere a classe dos heróis atuais em um patamar semelhante ao dos antigos heróis das epopéias clássicas, tais como Aquiles ou Odisseu. A partir da transmissão dos episódios monumentais realizados pelos grandes heróis, os homens de outrora estimulavam para a ação os jovens em estado de formação, que adquiriam ciência de que, se porventura os magnânimos homens do passado fizeram atos nobres, valorosos, os homens do presente, por meio dessa marcante influência, também poderiam um dia realizá-los, desde que porventura se esforçassem na superação de seus próprios limites, desenvolvendo suas capacidades de ação nas máximas possibilidades de ampliação e fortalecimento das energias corporais. Nietzsche estabelece o conceito de história monumental como um dos paradigmas desse processo criativo:

Esta é a ligação natural que uma época, uma cultura, um povo deve ter com a História – evocada pela fome, regulada pelo grau de suas necessidades, mantida sob limites pela força plástica que lhe é própria – se o conhecimento do passado, em todas as épocas, só é desejado a serviço do futuro e do presente, não para o enfraquecimento do presente ou para o desenraizamento de um futuro vitalmente vigoroso (NIETZSCHE, 2003a, p. 32).

Consequentemente, a leitura das grandes obras épicas não decorria tão somente de um mero deleite estético por parte de jovens desocupados, mas também de uma necessidade pedagógica, ou seja, a educação e formação do jovem através da narrativa de guerras, dos atos de heroísmo, dos triunfos e glórias. Portanto, se equipararmos o ideal clássico de herói com o atualmente existente, as raízes de criação de tais personagens extraordinários seriam incrivelmente similares, pois se pautariam pela possibilidade de se estimular as disposições nobres nos jovens, os

sentimentos de coragem e justiça na luta contra as adversidades, motivadas por causas externas cujas forças muitas vezes superam as suas. No entanto, deve-se ressaltar que existe uma diferença essencial quando se compara o herói antigo e o contemporâneo no tocante aos fins e circunstâncias que acompanham a produção das narrativas descritivas de suas ações. Homero produziu a *Ilíada* e a *Odisseia* vislumbrando o enaltecimento da beleza da vida e dos homens, como modo de se apaziguar a visão de mundo horripilante da existência, enquanto os heróis atuais, criados de acordo com disposições nobres por parte dos seus idealizadores, com o decorrer dos anos, devido a necessidade de se adequarem aos gostos e padrões dos consumidores de cada momento histórico, foram se adaptando progressivamente a cada um destes momentos, como forma de continuarem populares no imaginário dos leitores.

Retornemos às reflexões acerca da figura do herói: pode-se considerar que o Super-Homem seria a personificação desse ideal de vigor ao qual o homem comum aspira, encontrando, nessa questão, uma possível vinculação com a “vontade de poder” proposta por Nietzsche. Este conceito se refere a uma força instintiva, natural, presente nas disposições de ânimo de qualquer indivíduo, de modo que, de acordo com as circunstâncias, essa vontade de poder vem a se manifestar no indivíduo de modo mais intenso ou menos intenso. Assim, pessoas de caráter afirmativo, criativo, possuiriam a vontade de poder em um nível mais elevado do que as pessoas comuns, que desconhecem as peculiaridades de suas próprias singularidades, de modo que estas não adquirem a capacidade de agir no cotidiano de acordo com a expansão livre das forças corporais, mas tão somente em um confuso jogo de relações na qual se acredita agir com liberdade, quando, de fato, se age de acordo com a determinação de obscuras causas externas. Portanto, seria nesta situação que os homens comuns se encontrariam no cotidiano, alienados da consciência do próprio poder de suas disposições para a ação, sintoma de uma vontade de potência parcamente exercitada nas artes do desafio e da superação dos limites.

De acordo com o pensamento de Nietzsche, podemos considerar que o ato de ampliação da vontade de potência ocorre quando o indivíduo se torna capaz de, mediante o contato com o mundo exterior, desenvolver interações pautadas em afetos afirmativos, tais como a alegria, a amizade ou a satisfação de se ter superado uma dificuldade, afetos estes que concedem uma grande elevação no seu modo de ser, na sua constituição psíquica. Ou também, de certo modo vinculado a essa referida

questão, quando o indivíduo consegue superar dificuldades inextricáveis, não importando de qual âmbito se trate. Nessas circunstâncias, após a conquista de um fim almejado, o indivíduo desenvolve em seu âmago um sentimento de júbilo, decorrente justamente da ideia da capacidade de superação dos limites que o corpo conquistou na afirmação de sua ação singular: “Na escola de guerra da vida – o que não me mata me fortalece”. (NIETZSCHE, 2006, p. 10).

Desse modo, através de um enfoque nietzschiano, podemos considerar que os grandes heróis seriam personalidades dotadas por um grau de vontade de poder extremamente desenvolvido, exercitada no jogo da superação de forças e dos limites do próprio corpo. Afinal, de acordo com a visão de mundo proposta por Nietzsche, é possível inferir que qualquer ação humana de caráter extraordinário requer um dispêndio extraordinário de energias, estado alcançado, sobretudo, quando o indivíduo supera os seus próprios limites. Tais fatores justificam, portanto, a admiração dos leitores pelas histórias que relatam os empreendimentos de um herói dotado de poderes colossais, tal como o próprio Super-Homem. Aqueles que se deleitam com essas histórias projetariam em suas próprias limitações nas disposições de ânimo dos heróis idolatrados, de modo que, através da concessão de uma determinada taxa de vontade de potência a uma figura externa, os homens comuns anseiam intimamente pela apropriação desta.

No entanto, uma situação curiosa reside no fato de que os criadores das histórias de heróis dos tempos atuais, ao elaborarem o modo de ser de uma grande personalidade, desenvolvem uma série de atributos para os heróis, de forma que estes se caracterizem pelo oscilar entre uma vida comum e uma vida marcada pela efetivação de feitos extraordinários. Exemplificando: de acordo com a história tradicional do Super-Homem, este seria um herói dotado de grandiosos poderes, mas que, no entanto, possui uma vida relativamente comum, preenchida pela atividade de jornalista que exerce cotidianamente seus serviços na redação do “Planeta Diário”, através da identidade de seu alter ego Clark Kent, o qual, para que se evite a exposição da mídia sobre sua figura, evita manifestar seus poderes especiais aos olhos dos comuns. Inclusive, é curioso que, enquanto figura humana, Clark Kent se caracteriza por possuir um peculiar e relativo comportamento *gauche*, uma das suas mais interessantes artimanhas para que seus colegas de trabalho não suspeitem de sua identidade verdadeira. Aliás, se porventura analisarmos a história de vida dos principais heróis que constituem o universo fabuloso dos quadrinhos e do cinema,

poderemos constatar que são pessoas comuns que, em determinadas circunstâncias, tais como acidentes ou exaltação de estado de ânimo, manifestam uma fantástica explosão de forças ativas que promovem feitos extraordinários

Assim como a personalidade de Clark Kent, muitos outros heróis também se caracterizam por um determinado grau de fragilidade, tanto física como moral, como seria o caso de Billy Batson (Capitão Marvel) ou de Peter Parker (Homem-Aranha). Uma explicação plausível para a configuração estilística de heróis que possuem uma natureza comum, humanizada, reside na possibilidade de ocorrer a identificação moral do leitor com a figura, de modo que, através da existência desses aspectos que igualam a personalidade do herói com o homem cotidiano, evita-se que se crie um distanciamento entre ambos. Se porventura os grandes heróis não possuíssem um lado humano, vacilante, frágil, o público leitor se sentiria diminuído e mesmo humilhado moralmente perante a imensurável manifestação de forças presente em qualquer grande história fantástica de super-herói.

Desse modo, ao se criar esse vínculo entre o leitor e o herói através da identificação do primeiro com o segundo por meio da exibição do lado fraco e comum do homem extraordinário, desenvolve-se o estímulo para a afirmação da atividade nas disposições do espírito do leitor, de modo que este anseie pela possibilidade de manifestar em um dado momento de sua vida uma demonstração surpreendente de forças criativas, tal como a concernente ao herói. Obviamente, devemos considerar que o homem comum não igualará seus feitos aos realizados pelo Super-Homem, por causa das limitações físicas concernentes ao mundo físico, enquanto situado de acordo com as categorias do espaço e do tempo. Afinal, não seria esta a verdadeira natureza do estímulo das histórias de um herói na vida cotidiana do leitor, mas sim, a possibilidade de se despertar no leitor a ideia de que é possível para o homem comum, tal como o herói admirado, superar em algum dado momento da sua vida os limites do seu próprio corpo, evento que permite a criação de obras tão extraordinárias como as que são atribuídas a essas figuras fantásticas, fato por si só especial. Afinal, o homem é um ente que vislumbra constantemente a superação dos seus próprios limites, e na própria ideia de vontade de potência está contida a de superação das forças pessoais. Esta é, portanto, a “vontade de potência” franqueada a todos: a possibilidade de se vencer a própria dor, as próprias fraquezas e limitações em nome da criação, de valores e de obras que afirmem a vida e a sua grandeza.

Inclusive, de acordo com as reflexões presentemente elaboradas, podemos considerar, sob um determinado ponto de vista, que o intérprete do Super-Homem nas produções cinematográficas, o ator Christopher Reeve, teria afirmado na sua própria vida pessoal os valores da vontade de potência que pertenceriam a um “super-homem”. Após sofrer o acidente que o tornou tetraplégico, o artista demonstrou ao mundo a sua perseverança em superar o estado de limitação física no qual se encontrava, lutando constantemente para encontrar meios que possibilitassem a solução de seu problema. Esta sua limitação física pode ser considerada como uma prova para que ele viesse a concentrar suas forças corporais e afetivas na máxima intensidade, em prol da melhoria das suas condições de vida. Portanto, o seu árduo empreendimento não foi em busca de sua mera conservação, em detrimento de sua qualidade de vida, mas a própria afirmação desta. De modo que a sua morte de modo algum foi a sua derrota, uma vez que Reeve lutou, bravamente, pela vitória sobre si mesmo, sobre seus próprios limites.

Talvez tenham ocorrido momentos, na sua vida após o terrível acidente, que Christopher Reeve tenha cogitado a hipótese de desistir da luta, aceitando passivamente o estado inercial no qual se encontrava o seu corpo. No entanto, ele venceu esse lado decadente, declinante, e se empenhou pela superação dos seus limites e pela melhoria das condições de sua qualidade de vida. Portanto, este é o exemplo que fica para aqueles que sofrem de limitações físicas tais como deste renomado ator, para que se espelhem na afirmação de sua perseverança, e não se deixem abater pelas dificuldades cotidianas. Pois, reiterando a sentença de Nietzsche, na escola bélica da vida, o que não mata torna mais forte.

Considerações Finais

Conforme visto, a deturpação nazi-fascista acerca do conceito nietzschiano de “super-homem”, sendo utilizado como veículo de afirmação de um regime pautado na opressão e na perseguição a determinados grupos e credos, de modo algum se coaduna com o pensamento do filósofo alemão. O “super-homem” pode ser interpretado como a possibilidade do indivíduo histórico vencer as determinações morais impostas por uma sociedade gregária, decadentista, em prol da afirmação dos valores da vida, da criação, da avaliação. Reside, portanto, em um grave equívoco, a crença de que a exploração da filosofia de Nietzsche por um movimento tão cruel e

intolerante do nível do nazi-fascismo tenha algum sentido e vínculo com a obra do pensador. Os seguidores dos movimentos reacionários de extrema-direita, defensores de conceitos ideológicos tais como “nação”, “povo”, “Estado” ou “pureza racial”, entram em nítida contradição com a visão de mundo de Nietzsche, absolutamente contrário a qualquer manifestação política que objetivasse subjugar a produção cultural em prol do militarismo e do nacionalismo, pois a valorização da cultura, para o filósofo, seria inversamente proporcional ao crescimento político de um Estado:

Mas aqui experimentamos somente as consequências desta doutrina recentemente pregada em todos os lugares: que o Estado é o fim supremo da humanidade e que não há para o homem deveres mais elevados do que servir ao Estado; reconheço nisso, não uma recaída no paganismo, mas na estupidez. Pode ser que o homem em questão, que vê no serviço do Estado seu dever supremo, não conheça efetivamente deveres mais elevados, mas isto não exige, porém, que haja outros homens e outros deveres, e um desses deveres, que a mim me parece ser superior ao do serviço ao Estado, exige destruir a estupidez sobre todas as suas formas, incluído aí, portanto, aquela forma. (NIETZSCHE, 2003b, p. 165).

Desse modo, podemos afirmar que, em verdade, a criação do herói “Super-Homem” não ocorreu como possibilidade de se antepor ao “super-homem” original de Nietzsche, mas como modo de superar a violação efetivada pelo movimento nazista, quando este se apropriou do conceito criado pelo filósofo, sendo, portanto, um método de se contrapor um nobre ideal de liberdade e criação a uma doutrina de morte e legitimação do ideal gregário de sociedade, por sinal tão criticado ao longo das obras de Nietzsche. Evidentemente, se compararmos o “super-homem” com o Super-Homem, será possível percebermos algumas diferenças em relação aos atributos constituintes de cada um. Assim, o “super-homem” seria o advento de um novo modo de se viver, pautada na afirmação da imanência, na substituição de um moral declinante, que instiga a supressão da singularidade e da diferença em prol do gregarismo, da massificação de todos os homens.

Para que surja um “super-homem”, é necessário que se supere qualquer tipo de convicção arraigada, qualquer valor instituído e cristalizado ao longo das eras pela tradição religiosa, social ou cultural. De modo que, para tanto, requer-se a superação dos próprios limites pessoais, pois a dissolução dos valores transmitidos de geração para geração pode inserir o homem na esfera da mesmice, da inércia e do nada. Por isso o “super-homem” é criativo, pois, superando a herança moral recebida, ele

desenvolve novos valores, afirmativos da existência. Conseqüentemente, qualquer pessoa pode vir a ser um “super-homem”, cabendo tão somente lutar contra toda uma série de opiniões medíocres e pré-conceitos, muitas vezes destituídos de valor e de criatividade.

O Super-Homem, por sua vez, seria a afirmação da vontade de potência do indivíduo comum na sua ânsia de se criar obras produtivas, de se superar os limites do corpo através da posse de poderes extraordinários. Por meio destes, conseguiria dar vazão às suas volições, mas que estariam ao serviço da afirmação da justiça e da legalidade. O Super-Homem se compromete a atuar sempre em defesa dos fracos e oprimidos, na luta contra as ameaças externas que porventura possam prejudicar o livre curso da Terra, ou mesmo figuras depravadas que pretendem tão somente impor um regime de caos ao planeta.

No entanto, mesmo que, entre o conceito nietzschiano e o super-herói existam pequenas diferenças em relação a fins e objetivos referentes, talvez o grande ponto que associe o “super-homem” e o Super-Homem resida na tão citada questão da superação dos limites do corpo. O *übermensch* de Nietzsche é a expressão qualitativa da criatividade extramoral, para além de configurações puramente corporais, enquanto o Superman expressaria, simbolicamente, os traços orgânicos de uma condição humana fisicamente aprimorada. Afinal, para que ambos se efetivem, é imprescindível que eles se empenhem na vitória sobre suas próprias limitações, sobre a dor e sobre a natureza humana, marcada pelo “peso da gravidade” da decadência, ultrapassando assim os ideais de uma humanidade comum, gregária. Portanto, tanto o “super-homem” de Nietzsche como o grande herói Super-Homem, são paradigmas axiológicos acerca da superação dos limites humanos.

Referências

HOMERO. *Iliada*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

_____. *Odisseia*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003a.

_____. III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador. In: "Escritos sobre Educação". Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003b.